

**O gênero *notícia* em revistas *online*:  
a discursivização da(s) imagem(ns) de mulher**

---

The *news* genre in *online* magazines:  
the discursivization of women's image(s)

**Amanda Maria de Oliveira**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/ Brasil)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil)

**RESUMO**

Esta pesquisa busca entender a(s) imagem(ns) de mulher discursivizada(s) em notícias veiculadas em revistas *online* direcionadas ao público feminino. O referencial teórico-metodológico consiste nos escritos do Círculo de Bakhtin; em Teorias do Jornalismo e considerações sobre movimentos feministas. O universo de análise é composto por cinco revistas: *Ana Maria*, *Claudia*, *Glamour*, *Marie Claire* e *7pm*. As revistas se orientam segundo as imagens de mulher socialmente construídas, que dizem respeito à dona de casa, casada e responsável pelos filhos. Baseadas nessas imagens, as notícias são construídas e, conjuntamente, ratificam essas imagens e reforçam a atuação da mulher na esfera privada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero *notícia*. Círculo de Bakhtin. revistas femininas; imagens de mulher. Dialogismo.

**ABSTRACT**

*This research aims at understanding the women's images discursivized in news published in online magazines directed to a female public. This article is based on the studies of Bakhtin Circle; in the Theory of Journalism and in feminist studies. The universe of analysis is composed by five magazines: Ana*

---

\* Sobre o autor ver página 150.

---

*Maria, Claudia, Glamour, Marie Claire and Tpm. The magazines are oriented to the women's images socially constructed, which refer to the housekeeper, married and responsible to take care of the children. Based on these images, the news are constructed and, simultaneously, ratify those images and reinforces the activity of women at private spheres.*

**KEYWORDS:** *News genre. Bakhtin Circle. Female magazines. Women's images. Dialogism.*

## 1 Introdução

De acordo com pesquisas desenvolvidas atualmente, envolvendo a(s) Teoria(s) do Jornalismo, as revistas destinadas potencialmente ao público leitor feminino sofreram inúmeras mudanças até chegarem às versões atuais. Apesar dessas constantes ressignificações, uma questão que marca essas publicações desde seu início até a atualidade diz respeito aos objetivos que permearam sua criação, uma vez que as revistas potencialmente destinadas à mulher adulta foram fundadas pelas empresas jornalísticas com o intento de manter a figura feminina no seio familiar, nos papéis de mãe/dona de casa/esposa, além deixá-la sempre limitada à vida privada (HEBERLE, 2004; MELO, 2006).

Nesse contexto, algumas revistas que se destinavam às mulheres se colocaram como meios para que a leitora<sup>1</sup> tivesse acesso à educação, isto é, a algum tipo de ensino formal. Porém, o que de fato se percebe, como discutido por Melo (2006), é que a instrução recebida pelas mulheres se destinava ao seu preparo para educação dos filhos, para que estes comesçassem a ser educados mais cedo, e não que isso contribuísse para a emancipação das leitoras. Conforme Melo (2006), não há espaço para temas como política e economia nessas revistas femininas adultas, tanto nas primeiras quanto nas que circulam atualmente, pois a atualidade, considerada preceito básico do jornalismo, é deixada de lado em detrimento da ênfase no lar, nas compras, nas instruções para cuidado com o corpo e com os filhos.

Considerando esse direcionamento para um público específico e as buscas por atender aos interesses desses leitores, sabemos que há uma antecipação dos interesses do público potencial, do que possa despertar ou não sua atenção e o que o tornará um leitor “fiel”. Por causa disso, os ditos e os silenciamentos presentes nas publicações respondem às projeções e avaliações que a autoria das revistas tem acerca de sua leitora e consumidora. Com base nessas afirmações, o objetivo deste artigo consiste em analisar algumas das imagens de mulher discursivizadas (OLIVEIRA, 2017) nas notícias publicadas em revistas *online* direcionadas potencialmente ao público feminino adulto. Para tanto, ancoramos este estudo nas discussões delineadas nos escritos do Círculo

---

<sup>1</sup> No decorrer do artigo, nos referimos ao público leitor feminino por ser o interlocutor previsto das revistas. No entanto, isso não impede que haja outros grupos também leitores dessas publicações.

de Bakhtin e em pesquisas atuais no que tem sido denominado, no Brasil, de Análise Dialógica de/do Discurso, bem como nos estudos desenvolvidos pela Teoria do Jornalismo, especialmente no que diz respeito ao jornalismo de revista, no jornalismo de revistas *online* e feminino/feminista.

## 2 A autoria e o interlocutor previsto

Bakhtin (2011 [1979]) discute que a percepção acerca de nós mesmos nos é dada necessariamente pelo outro, com o qual estabelecemos relações de alteridade. Não enunciemos no nada, mas sempre temos um interlocutor potencial, ao qual sempre respondemos e sempre levamos em conta. Indo mais além, essa relação de alteridade dá o relativo acabamento a nossa própria imagem, pois não nos constituímos enquanto sujeitos fora das relações sociais, mas sim no contato com o outro e com seus valores, suas posições axiológicas, às quais respondemos e sempre levamos em conta. Se consideramos que o relativo acabamento de nossa imagem nos é dado pelo outro e sempre nas relações sociais, entendemos que essa noção está intimamente relacionada com os conceitos de enunciado e de gêneros do discurso. Ainda de acordo com Bakhtin (2011 [1979]), toda tomada da palavra é um acontecimento social, de natureza dialógica e entre dois sujeitos socialmente situados.

Como a realização concreta do enunciado só ocorre socialmente situada e mediada pelos gêneros do discurso, conforme discute Bakhtin (2011 [1979]), cada gênero tem uma noção de autor, que orienta a tomada de palavra nas inúmeras possibilidades e condições de interação social. “Assim, ser autor, nesse sentido, é assumir, de forma permanentemente negociado, posições que implicam diferentes modalidades de organização dos textos, a partir da relação com o herói [conteúdo temático] e com o ouvinte” (SOBRAL, 2013, p. 131).

A partir dessas considerações e em diálogo com as discussões da Teoria do Jornalismo, é possível entendermos que as notícias são escritas em um movimento de alteridade, num contexto de encontro tenso de posições valoradas, de diversos dizeres que são reenquadradas na nova situação de interação, que é a produção e publicação das notícias. Ao mesmo tempo, é mantido o distanciamento desse discurso reenunciado através de diversos movimentos valorativos, como de atribuir credibilidade às notícias a partir da reenunção de vozes de autoridades, ou, por outro lado, para refutar e desqualificar dizeres de outrem (OLIVEIRA, 2017).

Sendo assim, na esfera jornalística, a produção das notícias se realiza em movimentos de constante (re)enunção de discursos outros e (re)valorção por parte de diferentes instâncias e condições de realização do projeto de dizer, dado que a escrita, reescrita e publicação das notícias são feitos por inúmeros agentes em diferentes etapas. Portanto, as notícias são espaços de diálogo entre dizeres trazidos por diferentes fontes, que são valorados pelas instâncias de concepção, editoração e responsividade, as quais, por sua vez, são organizadas pela pauta (ROSSI, 1994).

Além da posição de autoria, consideramos também o interlocutor previsto pelas revistas, uma vez que o projeto de dizer dessas publicações antecipa os interesses do público potencial. Para Bakhtin (2011 [1979]), o

interlocutor atribui essa ou aquela entonação ao enunciado, orienta as escolhas linguísticas do falante e, portanto, participa ativamente da construção da enunciação. Em suma, “a orientação social é uma das forças vivas organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística, mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1930], p. 169).

De acordo com Melo (2006) e Heberle (2004), as revistas são caracterizadas pela relação de proximidade que buscam estabelecer com seu público leitor e com sua época, de modo que se atualizam constantemente à medida que os interesses de seus leitores também mudam. Quanto às revistas femininas, há uma relação de proximidade entre as publicações e suas leitoras, pois, ao estreitarem os laços de cumplicidade e de amizade com o público, as revistas procuram atender aos seus interesses, se colocarem como amigas, conselheiras, etc.

Se as notícias são produzidas com base na antecipação dos interesses da leitora que acessa a revista, entendemos que o objetivo que leva o público a acessar determinada revista e não outra, envolve as temáticas que são discursivizadas nas notícias, assim como a orientação valorativa das revistas frente aos fatos reportados. Desse modo, a leitora que acessa uma revista polêmica e que aborda assuntos considerados tabus espera que as notícias publicadas tratem de assuntos e temáticas segundo dada posição discursiva. Diferentemente, se a leitora tem interesse em ler notícias que reportem fatos sobre celebridades, sobre novidades do mundo da moda, irá buscar uma publicação em específico (OLIVEIRA, 2017).

É com base nessa relação estabelecida entre instância autoral e público leitor que analisamos as imagens de mulher discursivizadas nas notícias publicadas nas revistas *Ana Maria* (Editora Caras), *Claudia* (Ed. Abril) *Glamour* (Ed. Globo), *Marie Claire* (Ed. Globo) e *Tpm* (Trip Editora). Após a discussão dos conceitos de instância autoral e interlocutor previsto, passamos para a seção de estudo da(s) imagem(ns) discursivizada(s) pelas notícias publicadas nas revistas virtuais.

### **3 A(s) imagem(ns) de mulher discursivizada(s) nas notícias**

A seguir, analisamos diferentes imagens de mulher discursivizadas nas notícias que fazem parte do universo de nossos dados. O enquadramento de vozes alheias em novas situações de interação, outras condições de comunicação, e, portanto, com projetos discursivos construídos na esfera jornalística, além da seleção de fontes, a discursivização desses acontecimentos e as escolhas léxico-gramaticais para a realização do projeto de dizer da instância autoral são fatores relevantes para o desenvolvimento da análise. Dessa maneira, analisamos a dimensão verbal dos textos-enunciados para compreendermos as nuances de sentido e as estratégias discursivas empregadas pela instância de autoria na construção dessas imagens.

### 3.1 A mulher “responsável”<sup>2</sup>

A construção da imagem de mulher “responsável” revisita características que são atribuídas às mulheres, tais como instinto de proteção ou de responsabilidade (KNOLL, 2007). No desenvolvimento das análises, compreendemos que esse papel é evocado pelas notícias e projetado para as leitoras, seja pela tentativa de estreitar laços com seu público e sensibilizá-lo, seja pela seleção de fatos e acontecimentos que a revista entende como relevantes para esse público potencial, mesmo que não sejam marcados pela atualidade.

Temos como exemplo dessa imagem a notícia MC02, publicada pela revista *Marie Claire*. A notícia em questão discute as mudanças que uma gravidez provoca no cérebro das mulheres, assunto trazido a partir da apresentação dos resultados de uma pesquisa realizada pela revista científica “Natural Neuroscience”. A voz da revista científica é trazida como autoridade e seu discurso é avaliado positivamente pela instância autoral, uma vez que já no título da publicação fica evidente a orientação valorativa (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) em relação ao discurso dos pesquisadores, conforme reproduzido a seguir:

**Ex. 1:** Gravidez provoca mudanças no cérebro das mulheres, garantem pesquisadores (Título da notícia MC02).

O uso do verbo “garantir” para enquadrar e demarcar os dizeres dos pesquisadores que realizaram o estudo mostra como a posição de autoridade é respeitada, já que o verbo *dicendi* escolhido para tal tem maior força de validade do que outros verbos como “dizer”, “explicar”, etc. Ao mesmo tempo em que a instância autoral delimita sua voz e a voz dos pesquisadores, enquadra os dizeres destes de forma valorada, de modo que a leitora assimile esses dizeres também como verdades e não questione os dados. Conforme Bakhtin (2011 [1979]) e Volochínov (2013 [1930]), entendemos que a retomada do discurso de outrem em uma nova situação de interação projeta sentidos outros, sendo que, na publicação aqui analisada, os dizeres das autoridades no assunto foram enquadrados como estratégia de convencimento pelo movimento de assimilação. No desenrolar da notícia, o encaminhamento do estudo é descrito de forma mais aprofundada:

**Ex. 2:** Para chegar a essa conclusão, foram avaliados também os cérebros de 19 pais de primeira viagem, 17 homens sem filho e 20 mulheres que nunca engravidaram. Em nenhum desses casos a alteração foi identificada. Por

---

<sup>2</sup> Utilizamos as aspas para nos referirmos às imagens de mulher analisadas, uma vez que procuramos demarcar o tom bivocal das palavras escolhidas, isto é, esses termos não são usados de forma literal, mas indicando que há sentidos outros por trás da projeção dessas imagens para as leitoras.

outro lado, os computadores foram capazes de atestar aquelas que já haviam dado à luz ao menos uma vez na vida só com a análise das imagens cerebrais (MC02).

No exemplo 2, é reforçada a projeção da imagem de mulher “responsável”, pois a apresentação dos resultados da pesquisa não se dá de forma paralela em relação aos demais participantes pesquisados. Na parte em que foram avaliados homens e mulheres sem filhos, o estudo foi enfático ao afirmar que não houve alteração em nenhum dos casos levados em conta. Entretanto, a segunda parte da pesquisa mantém o foco sobre as mulheres e as alterações que o cérebro sofre, que são tratadas como óbvias e esperadas, já que os computadores foram bastante eficazes ao perceberem as alterações “só” com o estudo de imagens cerebrais. Ademais, não há menção a possíveis mudanças, mesmo que psicológicas, pelas quais o homem pode passar ao se tornar pai, o que reforça a questão da binarização dos sexos, do que se espera do homem e da mulher em casos como o apresentado pela pesquisa, conforme os exemplos 3 e 4:

**Ex. 3:** A alteração [no cérebro da mãe], segundo especialistas, ajuda as futuras mães a criarem laços com o bebê e se prepararem para as exigências da maternidade (MC02).

**Ex. 4:** [...] As transformações foram identificadas justamente na área cerebral responsável pelas interações sociais e, segundo os pesquisadores, são responsáveis por mudanças vantajosas, como melhor identificação das necessidades do recém-nascido, atenção reforçada sobre potenciais ameaças e uma ligação afetiva maior com o filho (MC02).

Nos exemplos anteriores, são apresentadas diversas vantagens que as mudanças cerebrais proporcionam às mães, como a criação de laços, a preparação para as exigências da maternidade, a identificação das necessidades do bebê, a atenção para potenciais ameaças e ligação afetiva, sendo que não é feita qualquer menção à necessidade de que o pai do bebê também se prepare para a paternidade, mesmo que não sofra as mesmas alterações cerebrais que as mães.

Diante do que foi percebido a partir da análise dos exemplos anteriores, a imagem de mulher “responsável”, que tem instinto materno e protetor é projetada de modo a conservar a leitora no lugar que lhe é atribuído sócio-historicamente, de modo que ela não questione as imposições e exigências da sociedade acerca de suas obrigações. Nos exemplos aqui analisados, as discussões trazidas e as informações apresentadas pela notícia ratificam a naturalização da maternidade e a obrigação da mulher em ser mãe e saber lidar com todas as mudanças.

Por fim, reenunciamos a discussão de Bakhtin (2014 [1975]) quando o autor explica que toda palavra evoca uma opinião concreta sobre o mundo, pois toda enunciação, independentemente de sua extensão, sempre será ativamente responsiva. Nessa medida, segundo o autor, todo enunciado necessariamente entra em relação dialógica, dado que não dialogamos com unidades da língua, mas respondemos ativamente ao outro, concordamos, discordamos, assimilamos ou refutamos a palavra alheia, dentre inúmeras outras possibilidades.

### 3.2 A mulher “segura”

A imagem de mulher “segura” é concebida em dois sentidos: a) de mulher segura de si mesma em termos de autoestima e de relação com o próprio corpo e b) de forma literal, na medida em que se projeta a imagem de mulher protegida, que sempre tem alguém com quem contar para lhe defender em alguma situação de risco (OLIVEIRA, 2017).

Na notícia CL01, podemos identificar a projeção da imagem de mulher segura no primeiro sentido. Nessa notícia, ocorre a assimilação e a reenunciação dos dados do Relatório Global de Autoconfiança Feminina, encomendado pela empresa “Dove”, bem como há o emprego de estratégias linguístico-textuais na retomada dos resultados do estudo. O relatório que as mulheres que não se encaixam no padrão de beleza esperado, ou que questionam a uniformização da aparência da mulher, são inseguras e têm baixa autoestima, pois, ao se colocarem nesse lugar que vai de encontro ao que se espera da mulher adulta em termos de aparência, vivenciam situações desconfortáveis.

Narvaz e Koller (2006) explicam que a terceira onda feminista é marcada pela análise da diferença, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. Há ecos desses dizeres na notícia CL01, posto que a referida publicação leva em conta a diversidade da beleza da mulher, mas os tons dialógicos que atravessam a notícia atuam apenas como estratégia de silenciamento e conformação da leitora. Diferentemente do que as autoras discutem sobre a análise da diferença, o foco da notícia incide sobre as mulheres que não se adequam a imposições socialmente construídas, já que a identificação dessas construções sociais sobre o que significa ser bonita não é usada pela autoria da notícia para questionar as referidas imposições.

Na análise da notícia CL01, primeiramente percebemos que há dissonâncias entre o sentido projetado pelo título da notícia e o que, de fato, é discutido no decorrer do texto. A seleção do léxico para a construção do título e o *lead* da referida publicação expressa a reação ativa da autoria quanto à posição das mulheres acerca dos padrões de beleza:

**Ex. 5:** Cada vez mais insatisfeitas, mulheres lutam contra padrões de beleza (Título da notícia CL01).

**Ex. 6:** Pesquisa realizada pela Dove, que ouviu mais de 10.500 mulheres de 13 países, revela uma baixa autoestima generalizada e crescente repulsa pelos padrões de beleza

irreais ainda impostos pela sociedade (Lead da notícia CL01).

A dissonância percebida entre o título e o *lead* em relação à notícia em si é que, enquanto que nos dois primeiros a autoria da notícia sugere que as mulheres se colocam ativamente contra esses padrões de beleza, que de fato “compram a briga”, essa discussão não é desenvolvida no enunciado. Isso se justifica se considerarmos que, historicamente, as mulheres são pressionadas a atenderem determinados padrões de beleza, que podem variar em diferentes culturas, mas que se assemelham ao normatizarem a referência de beleza feminina.

Como a revista *Claudia* é pensada potencialmente para o público feminino adulto, o título e o *lead* projetam esse sentido na medida em que reverberam esses discursos, de modo a chamar a leitora para a discussão, mas sem mobilizá-la. Conforme Bakhtin (2010 [1929]), o encontro de diferentes vozes no plano do sentido sempre concretiza relações semântico-valorativas, sejam enunciados completos ou até mesmo palavras, desde que nelas se choquem duas ou mais vozes. No caso do título da notícia analisada, o uso dos termos “insatisfeitas” e “lutam contra” projeta o sentido de que as mulheres “compraram a briga” e se mobilizaram para questionar e derrubar as imposições (BAHRI, 2013; PINTO, 2010), dadas as condições e o contexto em que esses dizeres foram reenunciados.

No exemplo 6, o uso do verbo *dicendi* “revela” sugere uma conclusão relevante, de modo a instigar a leitora a ler o que vem a seguir. Essa orientação valorativa da notícia é ratificada pelo emprego do marcador avaliativo “crescente repulsa”, que dialoga com os movimentos feministas e discussões que questionam as imposições sociais ao nomearem esses padrões de beleza “irreais” e “ainda” impostos socialmente. Há constante tensão entre dizeres que reforçam a manutenção de padrões de beleza e vozes que questionam essas imposições, sendo que o *lead* busca mostrar a assimilação dessas vozes questionadoras, de modo a projetar para a leitora a imagem de que ela é segura de si mesma em termos de aparência, mas não a convida para juntar-se a movimentos que combatem essas determinações, para que a leitora não questione sua posição subjugada.

Em relação ao exemplo 7, a seguir, há o uso do verbo *dicendi* “afirmar” que, além de demarcar a alternância de vozes, orienta a projeção de valor de verdade do discurso das mulheres. A assimilação dessa voz é ratificada pelo emprego do marcador avaliativo “importante”, posto que projeta a avaliação da autoria da notícia no que diz respeito às atividades esquecidas pelas mulheres por causa da baixa autoestima. No exemplo 8, o enquadramento dos dizeres das mulheres projeta o valor de verdade dessas afirmações com a escolha do verbo “concordar”, além de projetar a imagem de força desse grupo de mulheres a partir do consenso, para mostrar à leitora que também existem mulheres com o mesmo problema, mas não convidá-la a questionar essa padronização:

**Ex. 7:** segundo o Relatório Global de Autoconfiança Feminina encomendado e divulgado hoje pela Dove, **92% das mulheres brasileiras afirmam abrir mão de importantes atividades (como sair com amigos ou entrar para um time no clube, por exemplo) quando se sentem insatisfeitas com a própria aparência** (CL01).

**Ex. 8:** A boa notícia é que, **apesar da baixa autoestima ainda muito presente nas mulheres do mundo todo, 77% delas concordam que a autenticidade é um grande valor e, um número ainda maior (86%), prefere encontrar a melhor versão de si mesma, respeitando suas características, do que seguir um padrão de beleza pré-estabelecido** (CL01).

Em suma, entendemos que a materialização do estilo da notícia é balizada pela orientação valorativa da autoria em relação às informações reportadas e aos discursos enquadrados. As relações dialógicas (BAKHTIN, 2010 [1929]) estabelecidas entre dizeres de movimentos feministas, que reverberam no título e no *lead* da notícia, em contraposição a um discurso conformista, que perpassa toda a publicação e silencia a proposta trazida nos dois itens anteriores, evidenciam a tensão entre discursos que se enfrentam no plano do sentido, que tocam o mesmo tema, mas adotam posições ideológico-valorativas diferentes (BAKHTIN, 2010 [1929]).

Ao assimilar as vozes das mulheres que participaram da pesquisa e que enfrentam problemas semelhantes, a notícia busca a adesão do público leitor por meio da valoração das mulheres como grupo coeso, de modo que a leitora acompanhe essa projeção valorativa. Além disso, os resultados da pesquisa são usados como constatação para os problemas que as mulheres enfrentam, e não para questionar essas imposições sociais.

Quanto ao segundo sentido projetado pela imagem de mulher “segura”, a notícia GL03 atua como exemplo de projeção da imagem de mulher sempre protegida e que, apesar dos riscos enfrentados no dia a dia, sempre terá alguém para protegê-la. O acontecimento relatado na notícia GL03, ocorrido nos Estados Unidos, envolve o transporte *Uber* e a atuação do motorista Keith Avila, que percebeu a intenção das mulheres que acompanhavam uma adolescente durante o trajeto e avisou a polícia. A notícia valora positivamente os atos do motorista e da polícia, pois impediram o sequestro de uma adolescente e sua entrega a traficantes:

**Ex. 9:** Motorista de *Uber* salva adolescente de sequestro e tráfico humano (Título da notícia GL03).

**Ex. 10:** Em vídeo, o herói mostra os traficantes sendo presos (Lead da notícia GL03).

**Ex. 11:** **Keith Avila**, motorista de *Uber*, de 34 anos, deixou duas mulheres e uma adolescente em um hotel em

Elk Grove na Califórnia, na última segunda-feira, dia 26. Durante o percurso, ouviu as mais velhas comentando que iriam entregar a menina para um homem chamado John em troca de dinheiro. [...] Atento ao crime que estava prestes a acontecer, Keith chamou a polícia, após deixar as três passageiras no local. [...]. (GL03)

De acordo com Bakhtin (2010 [1929]), as relações dialógicas não existem entre as unidades da língua, mas apenas entre enunciados concretos, mesmo que entre palavras, se não são palavras retiradas do sistema da língua, mas sim dizeres de outrem situados, pois estas palavras “devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 209). Portanto, entendemos que a reenunciação do fato por parte da notícia é realizada atravessada por posições ideológico-valorativas, quais sejam, as de que as mulheres não devem questionar as situações de risco que enfrentam e de que, mesmo com os riscos aparentes, elas podem contar com alguém num momento de perigo.

No exemplo 9, a ação do motorista é valorada positivamente pelo uso do verbo de ação “salvar”, uma vez que a autoria discursiviza o acontecimento como retirada de alguém de uma situação de perigo. A escolha do verbo “salva”, portanto, mostra o movimento de assimilação da notícia acerca da atitude do motorista e o projeta para a leitora como algo positivo. Logo a seguir, no trecho 10, a notícia se refere ao motorista pelo uso do substantivo “herói” como modalizador que indica a atitude responsiva da notícia frente à ação do motorista, reiterando a orientação apreciativa frente ao acontecimento. A escolha desse termo em especial ratifica a discussão de Bakhtin (2010 [1929]) quando o autor explica que as relações dialógicas podem ocorrer até mesmo entre palavras, se nelas ouvimos a voz do outro, ou seja, se elas são socialmente situadas e constituem posições ativas. Com base nisso, compreendemos que a expressão “herói” reverbera concepções histórica e culturalmente naturalizadas acerca do papel do homem como forte, corajoso e que deve proteger a mulher, vista como frágil.

Por fim, no exemplo 11, quando a autoria narra as ações que resultaram na prisão dos traficantes, o emprego do adjetivo “atento” em referência à posição de Keith, e a nomeação do acontecimento como “crime” modalizam a avaliação da atitude do motorista, vista positivamente e enaltecida, o que ainda reverbera a imagem de homem forte, heroificado e, por outro lado, de mulher frágil e silenciada (ARREAZA; TICKNER, 2002; CASTAÑEDA SALGADO, 2008), ratificando a discussão trazida no parágrafo anterior. Nessa medida, a referência feita ao motorista do *Uber* reverbera discursos outros que atravessam a notícia e dialogam com o discurso da autoria, de modo a projetar para a leitora a imagem de mulher sempre “segura”, que será salva por um “herói” quando estiver em perigo.

Em suma, a projeção da imagem de mulher “segura”, nos dois sentidos possíveis, são estratégias das revistas para que a leitora assimile a posição das editoras, uma vez que tanto a imagem de mulher segura em termos de

autoestima e de segurança num sentido literal devem ser aceitas pela leitora para que ela não questione os padrões de beleza que são impostos e que “castigam” as que não se adequam a eles, e para que ela não lute por segurança especialmente em lugares públicos, espaços em que está mais vulnerável (OLIVEIRA, 2017).

### 3.3 A mulher “corajosa”

A imagem de mulher “corajosa” é discursivizada em diversos momentos, pois é projetada de modo a mostrar à leitora que há alguém buscando os direitos das mulheres. Ainda assim, as publicações não convidam a leitora a participar desses movimentos de luta pela conquista e manutenção dos direitos, nem a leva a pensar criticamente a sua própria condição ou a atuar como agente de mudanças de sua realidade, pois é de interesse dessas mesmas revisas, e da própria sociedade, que o lugar da mulher na esfera privada seja mantido.

A notícia CL02 discursiviza essa imagem de mulher “corajosa” e diz respeito à mulher que questiona concepções naturalizadas acerca das desigualdades e dificuldades que enfrenta numa sociedade ainda machista (MOHANTY, 1984; NARVAZ; KOLLER, 2006). Essa projeção se dá pela mobilização do léxico na referência que a autoria faz de Malala Yousafzai, sendo que essa seleção lexical é balizada pela orientação valorativa da autoria sobre Malala, a qual é idealizada a todo momento. Os termos usados para se remeter a ela valoram positivamente sua imagem, como a “Nobel da Paz”, como no exemplo a seguir:

**Ex. 12:** Nós não vamos aceitar um mundo onde decisões sobre o nosso futuro são tomadas em espaços em que mulheres não têm acesso’, disse a Nobel da Paz durante discurso no município de Dadaab, Quênia (CL02).

**Ex. 13:** Nós não vamos aceitar um mundo onde decisões sobre o nosso futuro são tomadas em espaços em que mulheres não têm acesso’, disse Malala em uma das partes mais inspiradoras e emocionantes de seu discurso (CL02).

No exemplo 13, os marcados avaliativos “inspiradoras” e “emocionantes” demarca a orientação valorativa da notícia em relação ao discurso de Malala, ou seja, indica movimento de assimilação dessa voz e a reenuncia com o intuito de conquistar a adesão da leitora. Ademais, a escolha desses marcadores projeta um movimento de modalização afetiva, posto que enxergamos a entonação expressiva (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009 [1929]; MEDVIÉDEV, 2012 [1928]) como manifestação evidente da posição avaliativa da notícia com referência ao discurso reportado, já que os termos usados se remetem aos sentimentos despertados pelo discurso. Apesar dessa valoração positiva que a revista evidencia em relação à Malala, é mostrado à leitora que a realidade na qual Malala atua está distante da sua, de modo a

mostrar para a leitura que a sua própria condição é confortável e, portanto, não precisa de intervenção.

Esse movimento de conformação da leitura em relação a sua própria condição ratifica a discussão de Bahri (2013), pois é de interesse da sociedade manter a leitora no lugar onde está e não questione sua condição nem que busque mais direitos. Bahri (2013) ratifica a importância do próprio lugar de fala da mulher e a necessidade da constante leitura crítica de discursos outros e reenuncia a discussão sobre representação da “Mulher do Terceiro Mundo”, mas que, em termos de empoderamento, pode servir como suporte para análise da referida notícia.

Em contraposição à imagem de Malala, construída a partir da seleção de termos que, renunciados numa nova situação de interação, atualizam os sentidos projetados desses signos num fenômeno-enunciado histórico (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]), a notícia projeta um movimento de afastamento do discurso contrário ao ressaltar a natureza do grupo “terrorista”, que insiste em atacar determinadas regiões do país:

**Ex. 14:** O grupo terrorista Al-Shabab, ligado à Al-Qaeda, prometeu continuar atacando a região oriental do país, onde está localizado o campo, que já vem vitimando dezenas de refugiados desde 2011. [...] (CL02).

A construção verbal “prometeu” introduz e avalia o discurso do grupo terrorista na medida em que a posição semântica dada pela notícia em relação a esse discurso é de alerta, pois projeta o sentido de comprometimento do grupo nas suas ações. Ademais, o advérbio “já” e a locução verbal “vem vitimando” reforçam o tom de ameaça do discurso do grupo assimilado e projetado pela notícia. O enquadramento da fala do grupo terrorista, que se coloca como força contrária à atuação de Malala, isto é, dialoga com ela ((BAKHTIN, 2010 [1929]), reforça a construção de sua imagem heroificada e da urgência de intervenção no contexto em que ela atua, o que dispensa a interferência na condição da leitora.

A imagem de mulher corajosa é construída pelas diferentes formas de referenciação empregadas pela revista, que ressaltam a posição ocupada por ela, sendo que é trazido o discurso da renovação, ou seja, atuam as forças centrífugas. Em contraponto, a urgência e a ameaça sugeridas pelas marcas discursivas na reenunciação da voz do grupo terrorista valoram negativamente a manutenção dessa violência, diálogo que também evoca discussões feministas em torno da necessidade de tomada da palavra pela mulher e de se colocar coletiva e ativamente na busca por seus direitos (ADRIÃO, 2008; ALVAREZ, 2014), isto é, atuam também forças centrípetas, prevalecendo, portanto, a tentativa de convencer a leitora de que sua realidade está distante das situações nas quais Malala intervém.

Outro exemplo de projeção da imagem de mulher “corajosa” está presente nas notícias que evidenciam as situações de risco enfrentadas pelas mulheres, bem como os diversos crimes de grande repercussão e levantaram essa discussão em torno da segurança. Em face disso, o diálogo entre as

diferentes fontes que relatam os acontecimentos enfrentados pelas mulheres projeta a imagem de mulher insatisfeita e que deve tomar a decisão de denunciar esses casos. Entretanto, assim como no exemplo anterior, a intenção das revistas em projetarem a imagem de mulher que pode denunciar os casos, é que ela passe a fazer as denúncias, e não a questionar sua situação de insegurança.

Uma das notícias que buscam incentivar a leitora a denunciar os crimes e levá-la a assimilar essa imagem de mulher “corajosa” consiste na publicação CL03. Nessa notícia, a voz da polícia é reenunciada com o intuito de apresentar os índices de ocorrência de casos de abuso sexual no transporte público, que aumentaram de 92 para 119 em um ano, considerando os crimes formalmente denunciados. A discursivização dessas informações projeta a orientação valorativa da notícia pelo marcador avaliativo “apenas”, pois avalia negativamente o aumento do índice em um espaço de tempo considerado curto. Além disso, atribui a relevância de informar que esses valores dizem respeito aos casos não contabilizados ao empregar o marcador avaliativo “importante”:

**Ex. 16:** O número de ocorrências foi de 92 para 119, em apenas um ano. É importante ressaltar que os dados não contabilizam os abusos que não foram denunciados às autoridades [...](CL03).

Ao enquadrar o discurso da polícia, a notícia emprega recursos linguísticos que reforçam a intenção dessa instituição em incentivar as denúncias, pois mostra que há resultados caso as vítimas registrem queixa:

**Ex. 17:** No mesmo período analisado, as ocorrências de violação sexual mediante fraude aumentaram de dois para três. Mediante denúncia, os agressores responsáveis por praticarem tal ato podem ser condenados a cumprir na prisão uma pena prevista de 2 a 6 anos. Quando se trata de estupro, o levantamento aponta que o número caiu de seis para zero. O tempo de reclusão estimada para os estupradores pode chegar até uma década (CL03).

Para informar as consequências que podem ser sofridas pelos acusados, a notícia utiliza a condicional “mediante denúncia”, pois reforça que isso só é possível caso haja queixa formal. Além disso, especifica a informação de que a pena seria cumprida “na prisão”, o que a priori já se espera que ocorra, mas que, ao ser enunciada, reforça para a leitora o sentimento de segurança e justiça, já que o denunciado acabaria preso. No caso do estupro, o uso do modalizador “até” reforça o senso de justiça, pois orienta a leitora para essa compreensão de que a pena cumprida pelo denunciado será rigorosa e justa.

Com base na análise desenvolvida, as estratégias discursivas empregadas pela autoria da notícia não ocorrem de forma aleatória, mas guiadas pelo movimento de assimilação das informações apresentadas pela polícia, que

avaliam os dados e índices fornecidos como relevantes para as leitoras, e pela intenção de obter a convergência do público quanto à valoração desses dados. Ademais, o silenciamento das vítimas pode funcionar como estratégia para não despertar a indignação das mulheres, dado que o incentivo está na realização das denúncias, e não no reforço da segurança, e a passagem da palavra para as vítimas poderia consistir em uma facilitação de seu empoderamento ao serem ouvidas (FEMENÍAS, 2007).

O diálogo entre as vozes da autoria da notícia e da polícia reforça essa projeção de sentido na medida em que retomamos a discussão de Bakhtin (2010 [1929]) quanto às relações semântico-valorativas. O autor afirma que as relações dialógicas só existem no plano do sentido, uma vez que não são possíveis entre as unidades da língua, sendo que, no caso da notícia, ocorre o diálogo entre a voz de autoridade, ou seja, a polícia, que toma para si a responsabilidade de manter a segurança da mulher, da questão da violência contra a mulher, especificamente no que se refere aos casos de assédios, e a voz da autoria da revista, que, reenunciando as discussões de diferentes sujeitos, enquadra esses dizeres de modo que seja projetada, para a leitora, a imagem de mulher segura. Após a discussão sobre as imagens de mulher “responsável”, “segura” e “corajosa”, passamos para as considerações finais.

#### **4 Considerações finais**

As imagens de mulher projetadas pelas notícias são construídas a partir da antecipação dos interesses do público leitor, feita pela autoria das notícias, bem como pela concepção que as instituições jornalísticas têm atualmente acerca do que significa ser mulher. Com base em concepções historicamente arraigadas sobre a posição e o papel da mulher na sociedade, a instância autoral antecipa os motivos que levam as mulheres adultas a buscarem essas revistas e, assim, tenta responder a esses interesses, de modo que a posição de autoria realiza seu projeto discursivo na busca da fidelização dessas leitoras, seja a partir da seleção do que será dito, como também dos silenciamentos, do que não será oferecido às leitoras.

Ao mesmo tempo, a posição de autoria atende a pressões sociais que procuram manter a mulher no mesmo lugar que se encontra, isto é, na esfera privada, dedicada a tarefas que lhe são atribuídas e naturalizadas como responsabilidades suas. Em suma, essas imagens de mulher “responsável”, “segura” e “corajosa” convergem para ratificar as concepções do que é ser mulher atualmente e para reforçar esse lugar que a mulher-leitora ocupa na esfera privada.

Por fim, ressaltamos que este trabalho consiste num recorte de uma dissertação de mestrado e, portanto, traz alguns dos resultados obtidos em uma pesquisa mais ampla. Por causa da limitação deste trabalho, não foi possível detalhar os demais resultados obtidos. Apesar disso, entendemos que a discussão é relevante pois contribui para que a reflexão e deslocamento sejam constantes nesse movimento de desconstrução de perspectivas naturalizadas e do papel da mulher na sociedade.

**REFERÊNCIAS**

ADRIÃO, K. G. **Encontros do feminismo: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia.** Florianópolis, 2008. 301 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PICH0064-T.pdf>>.

ALVAREZ, S. E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cad. Pagu** [online]. 2014, n.43, pp.13-56. ISSN 1809-4449. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332014000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)>. Acesso em 10 mai. 2016

ARREZA, C.; TICKNER, A. B. Postmodernismo, postcolonialismo y feminismo: manual para (in)expertos. **Colombia International**. Bogotá, n. 54, jan./abril. 2002. p. 14-54. Disponível em: <<https://colombiainternacional.uniandes.edu.co/view.php/393/index.php>> Acesso em 10 mai. 2016.

BAHRI, D. Feminismo e/no pós-colonialismo. In: **Estudos Feministas**, p. 659-688, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/381/38129105018/>> Acesso em 12 abr. 2016.

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance.** Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal.** Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1929].

CASTAÑEDA SALGADO, M. P. **Metodología de la investigación feminista.** México: CEIHC/UNAM, 2008.

ROSSI, C. **O que é jornalismo.** 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 87 p.

FEMENÍAS, M. L. Esbozo de un feminismo latinoamericano. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 11-25, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a02v15n1>> Acesso em 10 abr. 2016.

HEBERLE, V. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva ou de renovação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**. v. 4. n. esp. p. 85-112, 2004. Disponível em: <<http://www.portaldeperio>

[dicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/292](http://dicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/292)> Acesso em 20 maio 2016.

KNOLL, G. F. **Relações de gênero na publicidade: palavras e imagens constituindo identidades.** 2007. Dissertação/mestrado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS). 136p. Disponível em:

- <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSM\\_a5e0b7447eff43a617734d2c56ecf280](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSM_a5e0b7447eff43a617734d2c56ecf280)>. Acesso em 04 jul. 2016
- MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].
- MELO, J. M. **Teoria do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.
- MOHANTY, C. T. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. **Boundary 2**. V. 12/13, 1984. p. 333-358. Disponível em: <[http://www2.kobeu.ac.jp/~alexroni/IPD%202015%20readings/IPD%202015\\_5/under-western-eyes.pdf](http://www2.kobeu.ac.jp/~alexroni/IPD%202015%20readings/IPD%202015_5/under-western-eyes.pdf)>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicol. estud.** [online]. 2006, vol.11, n.3, pp.647-654. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- OLIVEIRA, A. M. de. **Notícias para mulheres**: dialogismo e avaliação social. 2017. 254 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PLLG0677-D.pdf>>
- PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Jun 2010, vol.18, no.36, p.15-23. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>>. Acesso em 06 jun. 2016.
- SOBRAL, A. A concepção de autor (locutor) do "Círculo Bakhtin, Medviédev, Voloshinov": confrontos e definições. **Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 1, n. 2, p. 123-142, 2013. Disponível em: <[periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/download/380/309](http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/download/380/309)>. Acesso em 20 jan. 2017.
- VOLOCHÍNOV, N. V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

*Recebido em 14 de março de 2018.*

*Aprovado em 28 de maio de 2018.*

*Publicado em 30 de junho de 2018.*

## **SOBRE A AUTORA**

**Amanda Maria de Oliveira** é doutoranda e mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil). É bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil.  
E-mail: amandahmo@hotmail.com.br